

portugal  
evangélico



ANO XCVII - Nº 943 - MARÇO | 2018 - €2

# 500 ANOS Reforma Protestante



# Índice

Editorial ..... 3

Thomas Chegwin  
Um leigo, pioneiro do Metodismo  
em Portugal ..... 4

Uma nova era para  
o Metodismo Europeu ..... 7

Comunidade de Igrejas Metodistas e  
Wesleyanas na Europa ..... 8

500 anos da Reforma Protestante ..... 10

Ao mesmo tempo Justo e Pecador  
A chave para compreender a necessidade  
de uma contínua Reforma ..... 14

Reforma Protestante  
O desafio da ruptura permanente com a  
Rotinização ..... 16

Martinho Lutero e o Ecumenismo ..... 18

Procura a orientação de Deus!  
Procura agir com integridade! ..... 20

Notícias Oikoumene ..... 21

Notícias ..... 22



500  
anos depois,  
tudo é ainda  
acerca de  
Jesus

Entidade proprietária: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa • Diretora: Estela Pinto Ribeiro Lamas  
Sede da Redação: Igreja Metodista, Praça Coronel Pacheco 23, 4050-453 Porto • Tel. 222007410  
Tiragem: 750 exemplares • Periodicidade: Quadrimestral • Registo no I.C.S. n.º 101560/74 • ISSN 1646-5482  
Depósito Legal n.º 201/84 • N.º contribuinte: 592004244

Execução Gráfica: Officina Digital, Lda - Zona Industrial de Taboeira, Lote 15 - 3801-101 Aveiro - Tel. 234 308 697 - [www.officinadigital.pt](http://www.officinadigital.pt)  
Grafismo: Gabinete de Comunicação e Projetos da IEMP • Equipa redatorial: Estela Lamas, Eduardo Conde, Maria Eduarda Titosse e Gabinete de Comunicação e  
Projetos da Igreja Metodista.

Colaboraram ainda neste número: Cláudia Pereira, Estela Lamas, Eva Michel, Helena Vilaça, José Manuel Leite, Justo Gonzallez, Moira Sleight e Tony Neves.

A equipa redatorial é responsável pela seleção do material enviado pelos leitores, mediante critérios associados à identidade das duas instituições.

O conteúdo dos artigos publicados e assinados é da responsabilidade dos seus autores. Os artigos não assinados são da responsabilidade da equipa redatorial.  
O conteúdo do Portugal Evangélico pode ser reproduzido desde que citando a origem.

Assinatura individual nacional: 4,50 euros | Assinatura individual internacional: 9,00 euros | Assinatura benemérita: a partir de 12,00 euros



## Reforma Protestante ... 500 anos

### Questionamento persistente ... reforma permanente

Falar da *Reforma Protestante* não é remontar a 500 anos atrás e parar no tempo, focando-nos no que aconteceu nesse tempo distante. Falar da *Reforma* leva-nos a uma caminhada, ao longo dos tempos, leva-nos a situar-nos em diversificados contextos, nas múltiplas culturas vivenciadas.

Mais do que incitar a uma caminhada ao longo dos cinco séculos que passaram, José Manuel Leite estimula-nos a um questionamento, o qual emerge, logo à partida, no título do seu artigo – *Martinho Lutero e o Ecumenismo*. Confronta-nos, no seu introito, com a pergunta que reitera a essência do título – “o que é que Lutero tem a ver com o ecumenismo?” A profundidade deste artigo assenta nas vias que nos abre para descobrirmos a riqueza da ação de Lutero, a verdadeira intenção da Reforma; leva-nos a refletir sobre os três grandes temas que a orientaram. Deixa evidente a importância da Bíblia, da fé pela qual Deus nos dá a salvação – a Graça divina. Só assim, pela e na relação com Deus, nos relacionamos entre nós, entramos em diálogo, vivemos ecumenicamente – *em comunhão e não em excomunhão*.

Helena Vilaça, ao nos apresentar a *Reforma Protestante* como o *desafio da ruptura permanente da rotinização*, numa perspetiva histórica, fala-nos da libertação do pecado, na e pela (re)conciliação com o Criador, conciliação que passa pela aceitação da heterogeneidade e da diversidade da criação. Ajuda-nos a ver a Reforma como o momento da proposta e defesa da recuperação dos princípios que Cristo difundiu entre os seus seguidores. Evidencia o radicalismo que se instaurou, paradoxo da essência da Reforma, levando não à conciliação, mas a oposições, a limitações. Daí, sublinhar a indispensabilidade de fugir à rotinização da igreja, de procurar “a conversão pessoal, a santificação, a experiência religiosa, a diminuição do formalismo religioso”.

Como historiador e teólogo, Justo González, começando por lembrar o clima perturbador que se vivia na igreja, enfatiza que não foi a corrupção que levou à Reforma, mas sim a ação do Espírito Santo sobre os reformadores. De novo, somos alertados/as de que é a Graça divina que transforma o/a pecador/a e o/a leva a procurar ser justo/a. A Graça divina é como diz González: *A chave para compreender a necessidade de uma contínua reforma*.

#### ***Que caminho(s) seguir para nos implicarmos numa reforma permanente?***

Importa, com efeito, questionarmo-nos permanentemente, em função dos contextos e vivências reais com que nos confrontamos. Como exemplos dos enfoques evocados, encontramos nesta edição do PE, vários relatos. O primeiro que surge é o de Thomas Chegwin, uma história de vida recuperada pelo Reverendo Albert Aspey no seu livro *Por este caminho*, situada no início do Metodismo em Portugal. Outro exemplo é o *Acordo da Comunidade de Igrejas Metodistas e Wesleyanas da Europa* que, em 2017, dá início ao que Moira Sleight intitula: *Uma nova era para o Metodismo Europeu*. No relato publicado no *Methodist Recorder* são dadas a conhecer as denominações das igrejas envolvidas, o desenvolvimento que se pretende atingir. Recordando os objetivos, direitos e deveres traçados aquando da fundação do Conselho Metodista Europeu em 1993, é posta em evidência a procura da unidade, não deixando de reconhecer as diversas identidades. Um outro relato, enriquecido pelo questionamento e reflexão, é o encontro do COPIC – *A Justificação pela fé*. Eva Michel parte de uma reflexão inicial em que defende que “há mais do que uma maneira de ser cristão, de viver e pensar a fé”. Assenta a sua reflexão em dois documentos – “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação” e “Do conflito à Comunhão”, cujos conteúdos retomam as ideias debatidas, reiterando a necessidade de dialogar, de articular tomadas de posição, de compreensão, não esquecendo a especificidade de cada cristã(o), de cada igreja, a forma diferente de (re)ver a Reforma. O que conta é o que nos une, o que viabiliza a comunhão e não a excomunhão – a Graça divina, a obra salvífica de Cristo, a fé que nos abre à ação do Espírito Santo. Não são apenas considerações, são comprovações que resultam das vozes de teólogos convocados que, sendo de denominações diversas, reiteram a Graça divina, a misericórdia de Deus. Eva Michel faz esta reflexão profunda, tendo bem presente o tempo em que vivemos – o século XXI. Por sua vez, a Carta Pastoral 2018 da Igreja Metodista do Brasil deixa um alerta para procurarmos a orientação de Deus e para agirmos com integridade, sendo que os princípios e valores, nela expressos, são vistos como o sustentáculo do que nos (co)move a uma aproximação real de Deus.

## Um leigo, pioneiro

O sacerdócio de todos os crentes é uma doutrina fundamental do Protestantismo. Quando o Rev. Robert H. Moreton chegou ao Porto em 1871, já veio tomar conta de um trabalho iniciado, anos antes, por leigos – entre eles Thomas Chegwin, no Palhal, onde era engenheiro de minas. Aliás, a Sociedade Missionária Wesleyana de Londres, que passaremos a designar só por SM, enviou o Rev. Moreton para desenvolver o trabalho missionário no circuito do “Porto e minas do Palhal”. Hoje, pode-se afirmar que o trabalho pioneiro de Thomas Chegwin tem valor histórico, pois ele encabeça a longa lista de leigos envolvidos na divulgação do Evangelho em Portugal, que se mantém até aos nossos dias.

Thomas Chegwin nasceu há mais de 200 anos, na Cornualha, um condado da Grã-Bretanha que, ao tempo, contava com uma elevada percentagem de metodistas, sendo ele filho de uma dessas famílias. Desde a infância, usufruiu do exemplo familiar, que nele incutiram a Palavra de Deus e fortaleceram a impressão que ela produz nos que a recebem, de tal forma que ele próprio entregou o seu coração a Deus, juntando-se a uma classe metodista.

Em 1853, Thomas Chegwin, então com cerca de 40 anos, deixou a sua terra natal, em direção ao continente europeu e terá chegado ao nosso país em 1854. Era conhecido por “capitão” Thomas Chegwin, título dado aos engenheiros que chefiavam as minas na Cornualha. Chegado ao Palhal, começou logo a reunir, numa classe metodista, os seus compatriotas que lá trabalhavam e viviam com as suas famílias. Posteriormente, iniciou uma Escola Dominical e começou a distribuir, aos operários portugueses, Novos Testamentos, Bíblias e outras publicações que ia solicitando à SM, manifestando um verdadeiro espírito missionário.

Thomas Chegwin mantinha contactos frequentes com a SM e com a Igreja Metodista na Cornualha

da qual era membro. Dava notícias do trabalho que ele próprio estava a desenvolver no Palhal, dizendo que estava a esforçar-se bastante e que se sentia estimulado a continuar. Confidenciava que, lenta e sossegadamente, orava para que Deus abrisse um caminho à divulgação da Sua Palavra e o mantivesse no seu caminho, fazendo a sua vontade, até ao fim da sua vida.

Nesse sentido, emprestava Novos Testamentos aos trabalhadores das minas, ávidos de os ler. Numa das suas cartas, contou que para não assustar o pároco local, tinha-lhe enviado um desses exemplares, colocando-o à sua consideração e aprovação. Seis meses depois, deu conta de que 10 exemplares do Novo Testamento estavam a circular entre os que na sua vizinhança sabiam ler. Revelou ainda que um padre teria dito que se não fosse pelo respeito que sentia por quem o tinha emprestado o teria queimado, aconselhando uma rápida devolução à procedência. Em determinada altura, congratulou-se com a impressão do Novo Testamento em Portugal, bem como por já poder ser comprado na maioria das vilas por um preço acessível. Afirmou que não era permitido ler a Bíblia antes dos 30 anos e que, por estranho que pudesse parecer, muitos sacerdotes católicos não tinham acesso a uma Bíblia nem a um Novo Testamento. Escreveu que estava a estimular os que sabiam ler a juntarem-se e a abrirem uma Escola Dominical, convencido que era a melhor forma de dar a conhecer a Palavra de Deus, receando que os sacerdotes só o viessem a fazer daí a muito tempo já que, em Portugal, Cristo era pouco conhecido e alguns só o conheciam de nome. Entre as informações enviadas, disse que já tinha a funcionar uma classe e uma Escola Dominical, que reunia 20 crianças das famílias inglesas a residir no local. Contou que, frequentemente, ao domingo, se juntava aos pobres mineiros, para lhes falar sobre o amor de Deus, observando que eles o ouviam com atenção, concordando com ele.



# THOMAS CHEGWIN

## o do Metodismo em Portugal

*Claúdia Pereira  
Igreja Metodista*

Thomas Chegwin mantinha contacto com o trabalho que outro leigo, James Cassels, também estava a desenvolver em Vila Nova de Gaia. Na lista de subscrições para a construção da primeira Capela Metodista em Portugal naquele local, surge um donativo de Thomas Chegwin no valor de 5 libras. Após a sua inauguração, em 1868, Thomas Chegwin passou a visitá-la, partilhando lá as dificuldades com que se ia confrontando no Palhal. Por sua vez, uma carta enviada por James Cassels para a SM, no mesmo ano, refere o isolamento de Thomas Chegwin no Palhal e lamenta não ter lá ninguém que o ajudasse a manter uma reunião de Classe.

Num memorando enviado pelo Rev. H. H. Richmond, pastor da Igreja Metodista em Gibraltar, que se deslocou ao Porto para presidir à inauguração da Capela de Vila Nova de Gaia, surge uma referência ao Palhal, um local onde também funcionavam escolas diárias e dominicais entre a pequena população e que ele também visitou e onde tinha pregado para uma congregação muito atenta, na sequência do trabalho que lá estava a desenvolver um “bom metodista cornualhês”.

Após a chegada ao Porto do Rev. Moreton, Thomas Chegwin deu conta à SM de ter tido conhecimento disso. Por sua vez, em julho de 1871, o Rev. Robert Moreton referiu a sua primeira visita ao Palhal e, em novembro de 1876, confidenciou que esperava abrir um trabalho lá, onde tinha em vista uma casa, revelando-se confiante de que os frutos seriam abundantes, uma vez que o povo já se encontrava preparado. Por volta de 1880, no meio da polémica que se instalou entre o Rev. Moreton e Cassels, o primeiro revela que contava com o apoio incondicional de vários leigos, que classificou como “o melhor da nossa gente”, entre eles o capitão Thomas Chegwin. Na sua primeira carta de 1891, entre outras informações, o Rev. Moreton registou a sua partida para junto do seu Senhor, nos seguintes





termos: “No dia 23 de março, o Senhor chamou para si Thomas Chegwin um dos mais liberais contribuintes para a Sociedade Missionária e membro da igreja durante longos anos”. Referiu, ainda, o seu bom testemunho e elencou os inúmeros serviços prestados à causa do Mestre, primeiro entre os ingleses e depois entre os portugueses. Tinha sido dirigente de classe e da Escola Dominical, num trabalho consistente em que foi bastante ajudado pela sua esposa, que considerou uma “admirável cristã”. Disse que o casal Chegwin tinha mudado para o Porto, num período de decadência das minas do Palhal e que, durante alguns anos, ele ainda tinha sido chefe de outra mina nos arredores. Informou que a sua saúde começou a declinar gradualmente após o falecimento repentino da esposa, três anos antes. O Rev. Moreton considerou a proximidade, construída com Thomas Chegwin, um privilégio, proximidade essa mantida quase diariamente, nos últimos meses de vida. A ansiedade de Chegwin em cumprir a vontade de Deus, mesmo nas coisas mais pequenas, confirmou que a Palavra do Deus vivo foi a sua força e conforto especial, sua companhia constante, pois amava-a verdadeiramente e esforçou-se por vivê-la na sua vida quotidiana. Também referiu como os hinos que o inspiraram durante quase meio século, o continuavam a animar dia após dia. Possuidor de uma voz excecional, Thomas Chegwin tinha sido um valioso membro de coros na Inglaterra e um

grande apaixonado pelos hinos, a cuja linguagem recorria para exprimir a sua experiência cristã. Estava tão ansioso por ser fiel e não entristecer a Deus que receava pecar por desejar ser levado para o Além. Apesar do cansaço extremo e dos padecimentos prolongados, que se tornaram insuportavelmente pesados, manteve-se firme na sua fé, sem perder a esperança. No dia 23 de março de 1891 cumpriu-se o desejo mais profundo de Thomas Chegwin de, em paz, se reunir com Deus e todos os seus filhos “naquele mundo de felicidade”.

O testemunho de Thomas Chegwin foi transmitido à sua família mais direta. Caroline, sua filha, casou com Frederick Flower (1858, Vila Nova de Gaia – 1943), um dos primeiros membros de classe da Igreja Metodista no Porto. Por sua vez, o seu filho Edward, que faleceu ainda muito novo, na sequência de um acidente na mina onde trabalhava com o pai, estando mortalmente ferido, ainda conseguiu dizer que se sentia inteiramente feliz na sua confiança em Jesus.

(Nota biográfica baseada na recolha das informações sobre Thomas Chegwin, dispersas ao longo do livro “Por este Caminho”, do Rev. Albert Aspey)

# UMA NOVA ERA PARA O METODISMO EUROPEU

Com a assinatura do Acordo da Comunidade de Igrejas Metodistas e Wesleyanas na Europa, deu-se início a uma nova era nas relações do Metodismo Europeu.

Líderes de Igrejas vindos de todo o continente assinaram o acordo, numa cerimónia formal, durante um curto culto que decorreu na capela de Wesley, em Londres.

As Igrejas-membro do Conselho Europeu Metodista quiseram, desta forma, fortalecer as suas inter-relações através da convivência em comunidade. Este acordo tinha sido aprovado na reunião do Conselho do ano passado, na cidade do Porto e, posteriormente, ratificado pelos corpos governativos das Igrejas-membro.



## Denominações

Diversas Igrejas europeias já têm acordos bilaterais e/ou multilaterais com outras denominações, mas este é o primeiro acordo do género entre Igrejas Metodistas, Wesleyanas e Unidas da Europa.

Enquanto comunidade de Igrejas independentes, com regras, doutrinas e tradições próprias e partilhadas, o Acordo procura fortalecer as relações entre as Igrejas, reconhecendo o Batismo, a administração da Eucaristia, bem como a validade das respetivas ordenações e ministérios (incluindo ministérios autorizados de leigos).

Com este Acordo, as Igrejas-membro comprometem-se a “uma participação mais completa no ministério e missão de Deus, através

de orações e obras, e a encontrar formas de maior cooperação”, incluindo a partilha de recursos “sempre que isso seja aplicável e benéfico”.



Existe também o compromisso de discutir a implementação do acordo de forma a aprofundar e a tornar mais visível as relações entre as Igrejas.

## Desenvolvimento

O Bispo Christian Alsted, co-presidente do Conselho Europeu Metodista, afirmou que a assinatura deste documento foi um avanço significativo: “A nossa assinatura do Acordo da Comunidade de Igrejas Metodistas e Wesleyanas na Europa é a expressão genuína da natureza conexional do movimento e herança Wesleyana, que se estende ao longo das fronteiras das diferentes denominações. Esta assinatura marca um desenvolvimento importante na nossa relação dentro da família de Igrejas Metodistas, Wesleyanas e Unidas na Europa”.

Disse ainda, que o Acordo proporcionou uma “base segura para que continuemos a estreitar e a aprofundar as nossas relações no ministério e missão na Europa e no mundo”.

“Numa sociedade global cada vez mais fragmentada nós, enquanto pessoas de Igrejas Metodistas, Wesleyanas e Unidas, encontramos afinidades na nossa valiosa herança em Cristo e no nosso apelo conjunto ao ministério da reconciliação. Enquanto parece haver na Europa um movimento em direção à exclusividade e construção de muros, nós somos chamados



a construir pontes e a ser reconciliadores e trabalhadores para a paz, reconhecendo a riqueza da unidade em Cristo no meio da diversidade e mesmo de tensões”, disse o Bispo Alsted.

“Enquanto continuamos a aprofundar o nosso entendimento e participação na missão de Deus, o Espírito Santo dar-nos-á a coragem e a força para darmos novos e maiores passos para o futuro, mantendo-nos fiéis a nós próprios e ao que Cristo nos chamou a ser.”

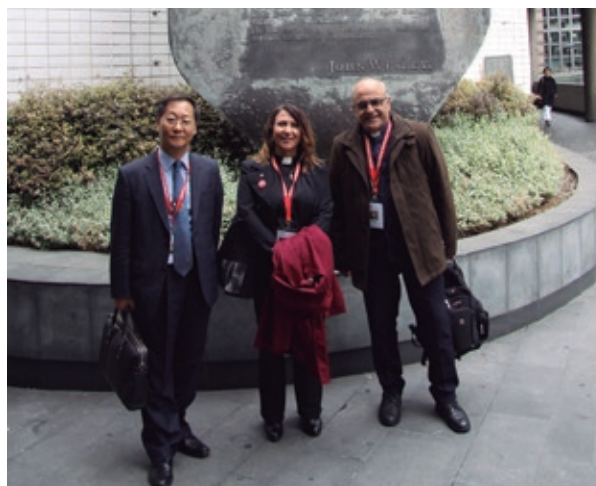
O Reverendo Gareth Powell, Secretário da Conferência Metodista Inglesa, disse que a assinatura do Acordo foi “uma chamada de atenção para a herança comum que partilhamos enquanto Metodistas na Europa.”

“(O acordo) permite-nos trabalhar em conjunto, enquanto povo chamado Metodista, na tarefa de proclamar a misericórdia de Deus”, disse. “Nós assinamos este Acordo de comunhão e cooperação mútua numa altura de considerável incerteza na família Europeia”.



#### **Tarefa**

“Eu espero que (o acordo) nos permita participar de uma forma mais profunda na tarefa de ser povo de Deus”, disse.



O Acordo foi assinado pelo Reverendo Gareth Powell, da Igreja Metodista Inglesa; pelo Bispo Patrick Streiff, da Igreja Metodista Unida da Conferência Central da Europa do Centro e do Sul; pelo Bispo Harald Ruckert, da Igreja Metodista Unida da Conferência Central da Alemanha; pelo Reverendo Olle Alkholm, vice-Presidente da Igreja Unida da Suécia (Ekumeniakyrken); pelo Reverendo Dr. John Stephens, Secretário da Conferência Metodista Irlandesa; pelo Bispo Sifredo Teixeira, da Igreja Metodista Portuguesa; pelo Bispo Eduard Khengay, da Igreja Metodista Unida da Região da Eurásia; pela Reverenda Mirella Manocchio, Presidente da Igreja Metodista Italiana (OPCEMI); pelo Reverendo Jae-Hoon Lim, Superintendente do Distrito Europeu da Igreja Coreana; pelo Bispo Christian Alsten da Igreja Metodista Unida da Região Nórdica e do Báltico; e pelo Dr. Hermann Gschwandtner da Região Nazarena da Eurásia.

Moira Sleight

Methodist Recorder, 22 Setembro 2017,  
Publicação 8335, páginas 1-2

# COMUNIDADE DE IGREJAS METODISTAS E WESLEYANAS NA EUROPA





**1.** Em 1993, o “Conselho Metodista Europeu” foi fundado com o objetivo de aproximar todas as Igrejas Metodistas ou de tradição Wesleyana da Europa e de unir as Igrejas que, também na Europa, herdaram a tradição Metodista ou Wesleyana.

**2.** O Conselho Metodista Europeu existe com os seguintes objetivos:

- Permitir que as Igrejas membro se possam consultar em matérias de interesse comum;
- Permitir um testemunho Metodista mais fortalecido na Europa;
- Permitir que as Igrejas membro partilhem umas com as outras recursos, à medida das suas necessidades;
- Permitir que as Igrejas membro possam estar representadas de forma mais adequada nas instâncias ecuménicas e civis;
- Permitir que as Igrejas membro possam participar mais com os seus parceiros na missão cristã na Europa;
- Coordenar e partilhar mais o trabalho metodista na Europa;
- Partilhar experiências entre as Igrejas membro.

**3.** Os direitos e deveres das Igrejas membro são definidos de acordo com a Constituição deste Conselho.

Reconhecendo o propósito deste Conselho expresso no item 2 nós, as Igrejas membros, desejamos fortalecer relações mútuas vivendo em plena comunhão.

Como comunidade de Igrejas separadas, tendo cada uma a sua tradição, doutrinas e disciplina, procuramos celebrar e afirmar em comum:

- Um único Batismo e Celebração da Santa Ceia.
- A validade das respetivas Ordenação e Ministério da Palavra e dos Sacramentos (Anciãos; Pastores; Presbíteros), e a mútua forma de reconhecimento e autorização do ministério dos leigos.

**4.** Procurando celebrar a nossa herança comum, permanecendo fieis ao testemunho do amor de Deus revelado em Jesus Cristo, comprometemo-nos a:

- Celebrar juntos o Culto e a Santa Ceia sempre que os Ministros Ordenados das Igrejas Membro possam servir em comum ou onde os Ministros Ordenados de uma das Igrejas possa servir outra Igreja temporariamente;
- Acolher os membros de outras Igrejas, como membros das nossas próprias Igrejas;
- Oferecer hospitalidade a todos os filhos de Deus, especialmente aqueles que são afetados pela migração global;
- Participar na missão e ministério de Deus, através da oração e ação, e através da procura de meios para uma maior cooperação, inclusive a partilha de recursos que possam ser aplicáveis e benéficos;
- Partilhar mais eficientemente os ministérios Ordenados, de acordo com a disciplina de cada Igreja.
- Continuar a dialogar para implementar este acordo, de forma a aprofundar as relações e a torná-las cada vez mais visíveis;
- Desenvolver cooperações nos lugares em que mais do que uma Igreja esteja geograficamente representada;
- Fortalecer a conexão entre a família Metodista Universal;
- Sempre que possível, convidar representantes das diferentes Igrejas para as respetivas Conferências ou Sínodos.

## Reflexão inicial

Esta apresentação pretende ser pastoral, mais do que académica. Apesar de nem todos os protestantes serem peritos em teologia luterana, todos sabem, desde novos, que há mais do que uma maneira de ser cristão, de viver e pensar a fé. No entanto, muitas vezes falamos da Reforma na base de conhecimentos vagos ou superficiais, cristalizados em clichés ou chavões, que depois confrontamos com os de outros. Nesse sentido, o documento “Do Conflito à Comunhão” contribui para percebermos o que é realmente relevante recordar, isto é, o que seria grave se caísse no esquecimento e também como tudo isto pode ser posto ao alcance de nossos contemporâneos, de tal modo que não permaneça apenas objeto

# 500 d

## COPIC – Encontro sobre

de interesse de antiquário, antes apoie uma “existência cristã vibrante”. Nesse sentido, é sinal de maturidade compreender que Deus é muito maior do que todas as nossas palavras humanas sobre Ele, todos os nossos pensamentos, toda e qualquer doutrina, também que o Coração de Deus é infinitamente maior do que o nosso.

### I. Os dois documentos

Esta reflexão emergiu da leitura de dois documentos, a saber: “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação”, assinada em 1999 pela Igreja Católica Romana e pela Federação Luterana Mundial, a organização das Igrejas Luteranas do Mundo; “Do Conflito à Comunhão”, elaborado por uma Comissão com representantes da Igreja Católica Romana e da Federação Luterana Mundial, publicado em 2015, mas com versão em português só em 2017. Estes documentos são fruto do diálogo árduo entre teólogos, ao longo de décadas, e desafiam-nos, abrem horizontes amplos, ajudam-nos a trilhar caminhos que pareciam intransitáveis.

O primeiro, no seu ponto 5 resume de que se trata: “A Declaração Conjunta quer mostrar que, com base no diálogo, as Igrejas Luteranas signatárias e a Igreja Católica Romana estão agora em condições de articular uma compreensão comum da nossa justificação pela graça de Deus na fé em Jesus Cristo.” Por sua vez, o núcleo desta declaração encontra-se no ponto 15: “Confessamos juntos: Somente por graça, na fé e na obra salvífica de Cristo, e não por causa do nosso mérito, somos aceites por Deus e recebemos o Espírito Santo, que nos renova os corações e nos capacita e chama para as boas obras”! Como foi possível chegar a esta confissão comum? Será que cada cristão, cada igreja encontra nestas palavras, inteiramente, a sua experiência de fé? No nº 5 do preâmbulo,





# a Reforma Protestante

Justificação pela Fé, Coimbra, 29 de maio de 2017

esta DC continua dizendo: “Esta DC não contém tudo o que é ensinado sobre justificação em cada uma das igrejas, mas abarca um consenso em verdades básicas da doutrina da justificação.” A seguir, refere os desdobramentos distintos que existem. São referidos sete aspetos, cada um iniciando com uma confissão comum e, a seguir, o acento que Luteranos e a Igreja Católica Romana dão à questão, terminando com a conclusão: estas diferenças não mais constituem motivo de condenação mútua. É esta a grande novidade. Ou seja, a DC não diz que não existem diferenças, não as ignora, nem se contenta com um “consenso minimalista”, antes afirma que o diálogo de décadas levou a uma melhor compreensão mútua do próprio conflito. Com base num consenso no essencial, conclui que as velhas condenações do século XVI, que desde então nunca tinham sido revogadas, não se aplicam às duas Igrejas da atualidade. Foi a primeira vez que teólogos de diversas Igrejas elaboraram um documento consensual de convergência e que as Igrejas envolvidas, através dos seus órgãos mais representativos, assumiram oficialmente estes resultados! Hoje, quase 20 anos mais tarde, pode parecer-nos pouco, mas na altura foi um passo gigante e corajoso, já que aconteceu contra numerosos obstáculos levantados até ao último momento!

O segundo documento surgiu quase 20 anos mais tarde, fruto do trabalho desenvolvido desde o primeiro. Trata-se da primeira tentativa, a nível internacional e interconfessional (Luteranos e Igreja Católica Romana) de contarem juntos a história da Reforma e da separação que se seguiu, não para cimentar esta separação, mas com o objetivo de avançar numa história de conflito, condenação e separação para uma maior comunhão. O objetivo imediato deste documento foi criar uma base comum para a comemoração dos 500 anos da Reforma, de modo a que esta comemoração possa ser um testemunho de fé num mundo globalizado, numa Europa secularizada, num tempo em que o individualismo e os fundamentalismos atraem cada vez mais pessoas. O ponto de partida é uma constatação, talvez uma descoberta: “Não temos contado esta

história da mesma forma!” Isto implica admitir que a maneira de contar o que aconteceu de cada um não é a única nem, provavelmente, a única legítima. Conhecer e confrontar as versões do mesmo acontecimento só pode servir para enriquecer a visão desse acontecimento e contribuir para uma aproximação da “verdade”. Então, como chegar a uma versão da história da Reforma, aceitável para católicos e luteranos? Os autores do segundo documento afirmam: “Encontramos uma perspetiva adequada sobre os acontecimentos do século XVI se colocarmos no centro o Evangelho de Jesus Cristo – o Evangelho é que é essencial para ambas as igrejas e é esse Evangelho que as une!” A partir desta confissão comum sobre o centro da fé consideram-se então as divergências. Não se começa destacando as diferenças, mas sim, a fé comum. Demorou 500 anos a chegarmos lá, mas chegamos! Graças a Deus! Assim, o material para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano sugere que o caminho para comemorar ecumenicamente a Reforma do século XVI devia ser uma celebração de Cristo.

## II. Desafios atuais

Destes dois documentos, o que é que nos ajuda e/ou desafia para uma fé mais viva e um testemunho mais credível hoje? O que é que apoia uma “existência cristã vibrante”? Ambos apontam repetidamente para o longo processo de aproximação e diálogo que procurou superar, curar e sanar este grande conflito dentro do cristianismo ocidental, referindo os passos que se têm revelado férteis neste processo. Face aos conflitos da atualidade, cuja faceta religiosa é impossível ignorar, este processo deve ser olhado com interesse redobrado. Nele é possível encontrar 8 experiências ou ideias que nos continuam a interpelar e a merecer a nossa consideração:

**1.** O encontro: Falar com em vez de falar sobre ou ignorar. Após séculos em que católicos e protestantes viveram de costas viradas, mal tomando nota da vida e do pensamento uns dos outros, antes cultivando estereótipos mútuos, eis a insistência: é preciso falarmos uns COM os

outros. Só o encontro permite detetar como a nossa maneira de ser, viver, falar, pensar a fé é percebida pelos outros e vice-versa; só o encontro nos permite construir nova confiança, que nos ajude a admitir e refletir sobre as interrogações colocadas pelos outros e, assim, crescer juntos! Na Europa, foi preciso passarem quatro séculos e as catástrofes da primeira metade do século XX - a II guerra mundial, o holocausto, o encontro de pastores e padres nos campos de concentração, a "remistura" da população devido aos refugiados e o desterro do fim da guerra - para recomeçar a aproximação, o encontro, a escuta mútua.

**2.** A descoberta: Como é que contamos o passado? Não podemos alterar o que aconteceu, mas podemos mudar a forma polémica, como falamos desses acontecimentos. Nas palavras do segundo documento "O passado em si é inalterável", mas "a presença do passado no presente é alterável. Não se trata de contar uma história diferente, mas de contar a história diferentemente". A investigação mais recente sobre a Bíblia, sobre Paulo, sobre Lutero e um melhor conhecimento da Idade Média ajudam a criar uma imagem mais multifacetada, menos monolítica do tempo da Reforma, assim como das posições assumidas.

**3.** A questão da linguagem: O que é que se quer afirmar e porquê? Apesar dos aspetos comuns, as nossas doutrinas podem divergir e até tornar-se inconciliáveis na formulação. Conclusão: "Pelas semelhanças, o diálogo é possível; pelas diferenças, é necessário." Isto implica um novo olhar sobre determinadas palavras, tais como "obras", "cooperar", "mérito", que continuam a ser como o pano vermelho para um touro.

**4.** A abordagem inovadora: Partir da luz da fé comum para as divergências, procurando entender as diferenças e avaliar o seu peso. Não nivelar, nem ignorar as divergências, pelo contrário, sem pretender apenas chegar a um consenso minimalista. Esta abordagem contrasta, radicalmente, com as tentativas de descrever identidades a partir do que nos distingue.

**5.** "Os tempos mudam": Reconhecer que, desde do século XVI, ambas as Igrejas se desenvolveram e que o que eram naquele tempo pode diferir daquilo que são hoje.

**6.** Admitir erros do passado: Por exemplo, reconhecer que muito do que Lutero disse sobre judeus e muçulmanos é absolutamente inaceitável à luz do século XXI.

**7.** Atenção ao "icebergue": Ter consciência da tendência, bastante humana, de perceber, avaliar

e julgar os outros na base das nossas ideias e dos nossos próprios valores, muitos inconscientes, invisíveis como a maior parte de um icebergue escondida debaixo da água.

**8.** Comunicar o que se aprendeu no diálogo: Quem nas comunidades locais já ouviu falar destes documentos e do entendimento comum alcançado? Se ouviu, quem se lembra? Não continuamos a falar, muitas vezes, como se nada tivesse acontecido? Não continuamos a viver lado a lado, unicamente "deixando-nos em paz"? Se já temos um cesto cheio de frutos do diálogo, está na hora de saboreá-los e partilhá-los com os outros!

### III. Justificação: viver pela graça no século XXI

Depois de anos atormentados por "o que tenho de fazer para obter a justiça de Deus?", a experiência de fé, que marcou Martinho Lutero, profundamente, foi a (re)descoberta: é a graça de Deus que me salva - só ela! Nem posso, nem tenho de fazer NADA para a merecer! Por isso, Lutero não pôde calar-se face à atividade de certos pregadores populares que alimentavam o medo do purgatório e do inferno para aumentar a venda de indulgências. Por isso, ele escreveu as 95 teses, cuja 27ª afirma: "pregam uma invenção humana, do alemão entendida no sentido de mentira ou engano, aqueles que dizem que no mesmo instante em que a moeda lançada na caixa soa, a alma do purgatório voa." Na controvérsia que se seguiu, toda a atenção concentrava-se na justificação, na forma como obtê-la. Hoje, Católicos e Luteranos confessam juntos, reconhecendo como doutrina oficial o que afirma a DC: "É pela graça de Deus que somos justificados!" Finalmente, 500 anos mais tarde, chegou-se a uma resposta consensual. Entretanto, parece que esta resposta se desvaneceu, perdendo urgência e mesmo interesse para a grande maioria de mulheres e homens do nosso tempo, ao ponto de para muitos já nem ser compreensível? Hoje, muitos jovens falam da procura de sentido, da procura de "alguma coisa que nos sustém" no meio da tanta mudança rápida, de tanta incerteza, das exigências com que se veem confrontados: mais produtividade, mais eficiência, mais competitividade, num mundo em que parece já não haver lugar para a "graça"! O que é preciso e possível, insistem os numerosos livros de auto-ajuda e ainda maior número de filmes no youtube, é fazeres o melhor de ti, aperfeiçoando permanentemente a tua aparência e toda a tua maneira de ser... Neste contexto, para comunicar a relevância do consenso atingido, falar da experiência libertadora de Martinho Lutero ou



de Cristo, são necessárias duas coisas: Escutar e levar a sério as interrogações e preocupações das pessoas de hoje, redescobrir o modo mais amplo como a Bíblia fala da graça e da justiça de Deus. De facto, para Lutero e na controvérsia que se seguiu, o que predominou foi uma questão escatológica - o julgamento final e o que acontece à alma depois de morrer. Ao tempo, predominava uma linguagem jurídica e corria-se o risco de reduzir a justificação pela fé a uma espécie de "amnistia geral", a um ato num tribunal. Na Bíblia encontramos uma ideia bem mais vasta e plurifacetada: a Graça de Deus é, antes de mais, a força transformadora do Amor de Deus! Através de numerosos testemunhos, chega-nos a mensagem: é pela Graça de Deus que vivemos! Somos salvos, podemos viver, porque Deus nos olha, porque "encontramos graça aos olhos de Deus". Uma graça que não só "declara justo", mas que transforma a pessoa, como se afirma também na DC (nº 15): "somos aceites por Deus e recebemos o Espírito Santo que nos renova os corações e nos capacita e chama para as boas obras." A imagem da Justiça nos nossos tribunais é uma mulher com a balança na mão, de olhos vendados. Mas na Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, Deus é justo pois escuta o grito dos explorados e ajuda-os a recuperar a vida. Na sua justiça, Deus vê, vê com amor, um amor que liberta e transforma.

Posteriormente, o Conselho Mundial Metodista declarou que o entendimento comum da justificação na DC corresponde também à Doutrina Metodista. Para John Wesley a justificação e a santificação são dois lados da mesma moeda, ambas inteiramente obra da graça de Deus: tanto a aceitação na comunhão com Deus (redenção), como a renovação criativa das nossas vidas ou a santificação. Como insiste Wesley, viver na graça e pela graça. Uma vida santa significa ficar cheio do Amor de Deus e amar a Deus com todo o nosso coração, toda a nossa alma, toda a nossa mente, e ao nosso próximo como a nós mesmos. Nesse sentido, o encontro torna-se imprescindível,

mesmo o grande desafio. Não faz sentido as pessoas e as Igrejas viverem de forma isolada, sem comunhão. Por isso mesmo, não apenas "do conflito à tolerância pacífica", mas "do conflito à Comunhão"!

#### IV. Considerações finais, em jeito de desafios

Face às confrontações no seu tempo, Wesley relembrou: "Mas mesmo se as diferenças em opinião ou modo de cultuar impeçam a união plena externa, será que isto impede a nossa união no afeto? Apesar de não podermos pensar da mesma forma, será que não podemos amar da mesma maneira? Não podemos ser de um coração, apesar de não ter uma opinião? Sem dúvida: podemos!"

O teólogo católico Carreira das Neves, no seu livro sobre Martinho Lutero afirma: "Chegou a hora de todos os cristãos (...) regressarem ao mesmo abraço do mesmo Pai, único e comum a todos" E, ainda: "É o nosso mundo da globalização, da miopia dos interesses políticos e nacionalistas, dos fundamentalismos religiosos e políticos a exigir a lei do amor e do perdão. (...) Estamos ultrapassados se nos fixarmos nos redutos das nossas identidades religiosas de ritualismos, jurisdicimos, dogmatismos, farisaísmos. O desafio é grande!"

Recentemente, o Cardeal Walter Kasper e o teólogo muçulmano Mouhanad Khorchide, professor de teologia muçulmana na Alemanha, ambos publicaram um livro sobre a misericórdia de Deus, o que despoletou um interessantíssimo diálogo entre os dois, depois também publicado em livro. No fim desse livro, Kasper diz: "Penso que hoje a humanidade só terá futuro se, partindo dos seus diferentes pressupostos culturais e religiosos, se juntar na recordação da misericórdia."

*Eva Michel  
Igreja Presbiteriana*

Carreira das Neves, Pe. (2014). Lutero. Palavra e Fé. Lisboa: Presença.

Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_31101999\\_cath-luth-joint-declaration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html)  
<http://igreja-metodista.pt/dmdocuments/justifi.pdf>

Kasper, Walter Kardinal; Khorchide, Mouhanad (2017). Gottes Erster Name. Ein islamisch-christliches Gespräch über Barmherzigkeit. Patmos: Ostfildern.

Kessler, R. (2017). Gnade im Licht der Hebräischen Bibel. In Junge Kirche 1/17, p. 1-3.

Methodist Statement of Association with the Joint Declaration on the Doctrine of Justification <https://s3.amazonaws.com/berkley-center/060723WorldMethodistCouncilStatementAssociationJointDeclarationDoctrineJustification.pdf>

Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e Federação Luterana Mundial (2015). Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta Católica - Luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana - Católico-Romana para a Unidade. Editorial Sinodal/Edições CNBB: Brasília.

# AO MESMO TEMPO

## A CHAVE PARA COMPREENDER A NECES

Quando falamos sobre a Reforma Protestante do século XVI, costumamos começar por falar de toda a corrupção que existia antes dessa Reforma. Falamos da prática de comprar e vender cargos eclesiásticos. Falamos do pluralismo e do absentismo. Falamos de crianças de 10 ou 12 anos que se tornavam bispos e até arcebispos. Falamos de um descuido com os estudos bíblicos. Falamos de práticas e superstições que era necessário suprimir. Falamos de um papado corrompido e mais interessado na política italiana que nas suas obrigações pastorais.

Então, em contraste com toda essa corrupção, falamos sobre personagens como Martinho Lutero, João Calvino e muitos outros, que se dedicaram assiduamente à reforma da igreja.

Desse modo, somos levados a entender que a reforma da igreja acontece quando, num contexto de corrupção, tanto das suas práticas quanto da sua doutrina, surgem aqueles que se vêem com a necessidade de protestar contra tal situação.

Porém, ao falarmos da Reforma como resultado disso, esquecemo-nos de que a verdadeira causa de toda a boa reforma dentro da igreja, não é a corrupção existente, nem tampouco o zelo e a devoção dos reformadores. A verdadeira causa de toda a boa reforma dentro da igreja é a obra do Espírito Santo. E o Espírito Santo reforma a igreja, não somente porque ela está corrompida ou equivocada, mas porque a reforma é um elemento essencial dentro da vida da igreja.

Isto deve-se a duas razões. A primeira delas tem a ver com o caráter da igreja como povo sacerdotal e missionário. O contexto no qual a igreja dá o seu testemunho e cumpre a sua missão deve afetar o modo como a igreja atua, se organiza e se entende a si mesma. Uma igreja que foi pertinente há cem anos pode muito bem sê-lo ainda hoje. Para que tal aconteça, necessita de reforma, não porque haja nela pecados egrégios, mas simplesmente porque, como povo sacerdotal e missionário, tem de se relacionar com as circunstâncias em que vive.

*Santos pelo que o Espírito Santo  
faz em nós*

A segunda razão pela qual a reforma da igreja é

necessária é melhor entendida se a relacionarmos com o que Lutero e outros reformadores diziam, no sentido de que todo o crente “é, ao mesmo tempo, justo e pecador”. A justiça do pecador não está em que ele deixe de pecar, mas na graça de Jesus Cristo, que o declara justo. Naturalmente, isto não quer dizer que o crente deva, então, se desentender com a vontade divina e se entregar ao pecado, mas que há uma diferença importante entre a santidade e a pureza de vida. Somos santos não porque somos bons, mas porque Deus é bom. Somos santos não pelo que fazemos, mas pelo que o Espírito Santo faz em nós. Há uma diferença entre a santidade e a pureza. Somos santos não porque somos puros, mas porque buscamos ser puros.

O que é certo em relação aos cristãos individuais também o é em relação à igreja. A santidade é, certamente, marca essencial da igreja, e falar de uma igreja que não seja santa é uma contradição. No entanto, essa santidade não depende da pureza da igreja, mas deve-se ao facto de que o seu “cabeça” é santo.

É precisamente porque o “cabeça” da igreja é santo e porque estamos unidos a ele, que acontece nos crentes o processo de santificação. Se tal processo não existe, isto pode ser sintoma de que não se está verdadeiramente unido ao “cabeça” da igreja. O que acontece é que nós, os crentes, que nos tornamos santos em virtude da nossa união com Jesus Cristo, ainda temos que ser santificados, ou seja, tornados aptos a pertencer a este santo corpo que é a igreja.

Ao mesmo tempo em que ser santo não é o mesmo que ser puro, a santidade implica um processo de santificação. E isto, é certo em relação aos crentes individuais como também à igreja, enquanto corpo.

Quando falamos de uma reforma da igreja na Europa, em Portugal, isto é de suma importância. Se não levarmos isto em conta, corremos o risco de começar a discutir todas as coisas que estão mal dentro da nossa igreja. Certamente há práticas, pregações e ideias nas nossas igrejas que deixam muito a desejar. Se, ao falarmos de uma reforma da igreja, começarmos por nos referir, exclusivamente, a essas práticas, poderemos cair no perigo de pensar que, se a igreja necessita de reforma, é porque está





# JUSTO E PECADOR

## SANTIDADE DE UMA CONTÍNUA REFORMA

corrompida; que nós somos reformadores e que, quando se estabelecerem as medidas e práticas que propomos, a igreja não terá mais a necessidade de reforma.

Quando entendemos as coisas assim e falamos assim, não temos que nos surpreender com o facto de que surja uma forte resistência contra o que dizemos. A impressão que dá é que estamos a dizer às demais pessoas: “A vossa igreja está corrompida, e nós somos aqueles que a podem ajudar e reformar”. Então, apresentamo-nos como se soubéssemos, melhor que ninguém, do que a igreja necessita hoje e como mudá-la.

### *Ecclesia reformata semper reformanda secundum Verbum Dei*

Mas não. Se a igreja está a necessitar de uma reforma, isso deve-se ao facto de que, pela sua própria natureza, ela tem de estar sempre em processo de reforma. Há uma máxima, famosa, que se emprega frequentemente entre os teólogos reformados: *Ecclesia reformata semper reformanda secundum Verbum Dei* - uma igreja reformada sempre em processo de reforma segundo a Palavra de Deus.

A primeira coisa que temos de dizer é que toda a reforma acontece por obra do Espírito Santo, e que os chamados reformadores, não são outra coisa senão instrumentos imperfeitos que esse Espírito emprega para os seus divinos propósitos.

A segunda coisa, no mínimo tão importante quanto a primeira, é que a necessidade de uma reforma nem sempre é sinal de corrupção ou de erro, mas de obediência e bênção de Deus.

E a terceira coisa - talvez a mais surpreendente - é que os próprios reformadores, depois de comprometidos com o processo reformador e depois de obter sucesso, estariam sempre disponíveis para dizer que a igreja continua a necessitar de reforma. Para Lutero, isto é simplesmente reflexo da condição humana e do facto de que cada um de nós, como ele próprio diz, “é, ao mesmo tempo, justo e pecador”. Os reformadores, repetidamente, se confessariam pecadores em constante necessidade da graça de Deus. Os reformadores nunca se consideraram

santos porque as suas atitudes e ações foram particularmente puras ou pias, mas porque sabiam que haviam sido reivindicados e justificados, não obstante a condição de pecadores, pela graça de Deus. O que torna justo o pecador não é a sua própria justiça, mas a graça de Deus, que o declara justo e justifica quem ainda é pecador.

Se isto é certo com relação aos crentes individuais, também o é com relação à igreja. Da mesma maneira que não se é santo por se ser mais puro, tampouco a santidade da igreja se origina na sua pureza. Se os crentes têm que fazer tudo quanto está ao seu alcance para serem puros e obedientes à vontade de Deus, e assim aptos como membros do Corpo de Cristo, também a igreja tem de fazer tudo quanto está ao seu alcance para ser pura e obediente à vontade de Deus. Mas, tais esforços, não são a verdadeira razão pela qual nós, os crentes, nos podemos chamar de santos, nem a verdadeira razão pela qual a igreja é santa.

O cristão não é santo porque as suas ações são boas, mas porque foi reivindicado pelo Senhor Altíssimo. A igreja não é santa pela pureza dos seus membros. A igreja é santa por causa da santidade do seu “cabeça”.

Na vida do crente, isto requer uma constante e renovada confissão dos pecados. Paralelamente, assim como um crente confessa repetidamente o seu pecado, para poder trilhar o caminho da santificação, assim também a igreja está em constante necessidade de reforma, para prosseguir o seu caminho rumo ao dia glorioso da consumação final.

Se o princípio de que a igreja há de ser *reformata semper reformanda* é certo, a necessidade de reforma é uma realidade tão quotidiana e tão constante quanto a necessidade de confissão do pecado e da correção de vida para cada crente. E não se pode ser verdadeiro crente sem procurar, constantemente, a reforma, não só a pessoal, mas também a da igreja.

Justo González  
Historiador e Teólogo Metodista de Cuba

Adaptado de:  
Ultimato n.º 368, Ano I - [www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

# REFORMA PROTESTANTE

## O DESAFIO DA RUPTURA PERMANENTE COM A

O cristianismo emerge dentro da comunidade judaica e, nessa medida, herda e permanece dentro do quadro teológico monoteísta. No seu ADN está a questão da salvação e a resolução de uma contradição, bem enraizada no judaísmo, entre o Deus único e universal e o Deus da Aliança com o Povo Escolhido. Deus, ao adquirir forma humana, através de Jesus Cristo, concede a todos os homens a possibilidade de se libertarem do pecado e de se reconciliarem com o seu Criador. Com o cristianismo, a fé transfere-se para uma questão acima de tudo pessoal, no sentido em que a crença é colocada à consciência individual. Consequentemente, os seguidores de Cristo caracterizaram-se pela heterogeneidade racial, tribal, geográfica, e pela diversidade das origens social e cultural.

Os princípios de liberdade e voluntarismo do cristianismo primitivo foram contrariados, com a declaração pelo imperador romano Teodósio, no século IV, do cristianismo como a religião oficial. Ao adquirir uma dimensão pública, a religião cristã estabelece um novo tipo de articulação com o poder político, privilegiando uma lógica de conservação desse poder e assim assegurando a manutenção da coesão social. Progressivamente afirma-se a tese de que havia liberdade de escolha mas só uma escolha era verdadeira e a liberdade só podia ser encontrada no serviço a Deus ou seja dentro da igreja. Os princípios como o da responsabilidade moral individual e da crença como opção da consciência de cada um, defendidos nos primórdios do cristianismo, extinguíram-se.

Em termos gerais, a reforma protestante vai defender uma recuperação dos princípios norteadores e da vivência evangélica dos primórdios do cristianismo. Note-se porém que as resistências ao catolicismo romano manifestaram-se bem antes do século XVI. Pierre Valdo em França (séculos XII e XIII), John Wycliffe em Inglaterra (século XIV) e Jan Hus na Boémia, atual República Checa (séculos XIV-XV), são figuras incontornáveis. Sem espaço para desenvolver o pensamento destes proto-protestantes, assinalo que tanto Huss como Wycliffe viveram na Baixa Idade Média, um período que já dava sinais de abertura ao debate teológico, associado a uma crise de autoridade da própria Igreja romana. Mesmo assim, a perseguição continuou a existir e Huss não escapou da fogueira.

No século XVI a ruptura com Roma acaba por se tornar inevitável e não é dissociável do apoio político

pois esse é um fator que viabilizará o rompimento. Mas, independentemente das circunstâncias históricossociais, mais do que a uma reforma da Igreja Cristã aquilo que acontece com Martin Luther – não se ignore também, na Suíça, o papel do seu contemporâneo Ulrich Zwingli e, em especial, do seu sucessor Jean Calvin – é uma verdadeira revolução religiosa.

Em Luther o modo de conceber o mundo e a ação humana assentam em fortes convicções religiosas, chegando a isso depois de vários anos de leitura da Bíblia, oração e luta espiritual. Conclui que a justificação dos pecados, algo que continuamente o tinha atormentado, é fruto da Graça de Deus e alcança-se através da fé, não dependendo das boas ações. Bastante influenciado por Wycliffe, o reformador alemão concebe a Igreja igualmente em total fratura com a construção teológica dominante ao longo de um milénio. Por um lado, entende-a como a comunidade invisível dos fiéis, desprezando assim a hierarquia visível da Igreja e respetiva estrutura jurídica; por outro, nega o caráter sacramental da separação entre os sacerdotes ordenados e os fiéis leigos, defendendo o sacerdócio universal de todos os crentes.

A reforma veio produzir um conjunto de efeitos sociais e políticos cuja consequência foi um realinhamento das regiões político-religiosas da Europa, lançando as bases do estado moderno. O modelo de estados independentes preconizado pelo Tratado de Vestefália, em 1648, acabou por se tornar a solução política possível. Na sequência disso, príncipes e monarcas tiveram que optar entre ser católico, reformado/presbiteriano ou luterano, sujeitando os súbditos, sob o seu domínio, à sua opção. Assim aconteceu nos países católicos da Europa do Sul, na Alemanha com principados luteranos e católicos, na Holanda calvinista, na Inglaterra anglicana, na Escócia presbiteriana (reformada), nas nações nórdicas luteranas.

Ora isto veio a constituir um dos grandes paradoxos da reforma pois fragilizou o princípio de que a salvação é resultante da fé e esta é uma questão individual. Por essa razão, a liberdade religiosa dentro do protestantismo também conheceu limitações. Foram, em especial, nos séculos XVI e XVII, os grupos da ala radical da reforma aqueles que encontraram mais dificuldades em termos da sua prática religiosa. Na sua maioria opunham-se a uma convivência com o poder político. Entre



# STANTE

## ROTINIZAÇÃO

*Helena Vilaça  
Igreja Metodista*

esses grupos, são de destacar os anabatistas, os huteritas, os menonitas, os amish e os puritanos, maioritariamente calvinistas.

A título de exemplo, refiro os movimentos que, em Inglaterra, criticaram o que entendiam como abusos da Igreja Anglicana. Alguns permaneceram dentro dela e procuraram restaurá-la, caso dos puritanos. Outros, como os batistas e os quakers entraram em ruptura com a Igreja de Inglaterra, e foram chamados de separatistas. Ainda nesse século, surgiu no luteranismo um movimento que pretendia devolver uma dimensão emotiva à religiosidade individual por oposição à negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião. Os seus seguidores foram designados de pietistas. Combinavam o luteranismo, dos tempos da reforma protestante, com a ênfase na conversão pessoal, a santificação, a experiência religiosa, a diminuição do formalismo religioso assente em credos e confissões, que conduziam à rotinização da igreja. Um século mais tarde, o metodismo virá a combinar a ética puritana com o pietismo luterano e transforma-se num dos movimentos determinantes para os avivamentos evangélicos dos séculos XVIII e XIX que despoletaram na Europa e nos EUA.

O século XX conheceu novos grupos reformadores, com fortes afinidades com os avivamentos dos séculos anteriores. O pentecostalismo (não me estou a referir ao controverso neopentecostalismo) representa uma das facetas mais importantes do protestantismo contemporâneo. Mas não é apenas este movimento o único a manifestar uma capacidade de comunicação da mensagem cristã no quadro da modernidade. Isso acontece com outras igrejas evangélicas que escaparam à cristalização e guetização. Mesmo as próprias igrejas protestantes históricas começam a sentir-se desafiadas e a dar sinais de transformação no sentido de se reformarem internamente.

Na sua pureza, o protestantismo não se conforma com uma religião massificada, que atua sob o efeito da rotinização do carisma. Opostamente, o profetismo desafia o estabelecido e por isso provoca a mudança social e individual. Como bem mostrou Max Weber (1978), isso é patente tanto com a tradição profética do antigo Israel, como com os arautos dos grupos protestantes, tanto no século XVI como no século XXI.







# MARTINHO LUTERO E O ECUMENISMO

*José Manuel Leite  
Igreja Presbiteriana*

Com este título, quantos leitores não levantarão a pergunta: o que é que Lutero tem a ver com o ecumenismo? Nada, dirão muitos! Será assim, pergunto eu? A resposta a estas questões será sim e não! Sim para os que se limitam ao contexto do tempo de Lutero em que não havia qualquer possibilidade de diálogo entre diferentes igrejas cristãs dado existir uma única, a de Roma, ainda que com vários adversários como os chamados pré-reformadores, ou os muitos descontentes da própria Igreja Romana. Mas a resposta será outra se o nosso contexto for o dos últimos cinco séculos, os que foram celebrados, e ainda o estão sendo nos nossos dias nas comemorações do 500º aniversário da Reforma protestante.

Ainda que nos seja difícil identificar uma data que nos indique o início do movimento ou do diálogo ecuménico, poderemos dizer que o mesmo pouco mais tem do que um século de existência e é nele que inserimos os parágrafos que se seguem tentando partilhar com os leitores o quanto devemos a Lutero pelo que somos e temos hoje, tudo muito diferente do que era possível no século XVI. Vejamos então algumas das realidades atuais do movimento ecuménico que, direta ou indiretamente, são resultado de três grandes temas da Reforma iniciada há 500 anos.



1. Sola Scriptura – a centralidade e autoridade da Bíblia na Igreja é um princípio fundamental da Reforma. Isto faz com que todo o cristão esteja submetido ao seu ensino e coloque em segundo lugar as mensagens e interpretações das autoridades eclesiásticas sejam elas individuais (Papa, Bispos, Presbíteros, Diáconos, teólogos, catequistas, etc.) ou coletivas (Concílios, sínodos, comissões, paróquias, seminários, etc.). As Sagradas Escrituras são normativas para a Igreja, para todo o seu povo e para cada crente individualmente.

Lutero não teve quaisquer dúvidas a este respeito. Como professor de exegese bíblica sabia muito bem o valor que a leitura das Escrituras tinha para todos que o praticassem. Só que não eram muitos que o podiam fazer. Possuir um exemplar da Bíblia exigia ter muito dinheiro e saber latim! Sendo conhecedor desta realidade, Lutero não hesitou e iniciou a tradução dos textos sagrados para a língua do povo, o alemão. Este trabalho foi repetido em muitos outros países chegando ao nosso com João Ferreira de Almeida.

Muito haveria a dizer sobre este assunto, mas quero terminá-lo com dois exemplos ecuménicos visíveis nos nossos dias: A) Não é verdade que o tema da Sola Scriptura tem uma aceitação generalizada em todo o mundo cristão? Será que a Bíblia pode estar ausente nas reuniões ecuménicas sejam elas de carácter litúrgico, teológico ou cultural? Não é verdade que na própria Igreja Católica Romana, que chegou a desencorajar e proibir aos seus fiéis a leitura dos textos sagrados, tem hoje uma posição muito diferente? B) E que dizer das várias versões ecuménicas feitas por teólogos e linguistas, católicos romanos e protestantes, não só no nosso país, mas em muitas dezenas de países espalhados pelo mundo?

2. Sola Fides – Buscando a verdade divina para a sua vida, Lutero começa a enfrentar uma série de erros que tinham origem nas mensagens e na ação das hierarquias eclesiásticas, desde o padre até o papa, afirmando que elas não têm nada de infalibilidade. Como nunca foi sua intenção separar-se da sua Igreja, nem de criar qualquer alternativa à mesma, decidiu lutar contra ela com o desejo de corrigir os seus erros. Uma das suas ações mais conhecidas é a que travou contra a venda das indulgências, que são a base das suas 95 teses afixadas publicamente no dia 31 de outubro de 1517.

Esta luta foi longa e terminou com a sua excomunhão da Igreja e expulsão do império (Bula *Decet Romanum Pontificem*, do papa Leão X de 3 de janeiro de 1521).

O que fez Lutero para merecer tal castigo? Disse

que a salvação nos é dada apenas pela fé e é um dom de Deus: "... o justo viverá pela fé" (Rom. 1: 16-17). Neste sentido a fé e a graça divinas são inseparáveis. "É pela graça de Deus que fostes salvos por meio da fé e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não é o resultado das vossas obras, para que ninguém se vanglorie". (Efésios 2:8-9)

Os longos anos do diálogo ecuménico entre a Igreja Católica Romana e a Federação Mundial Luterana, terminou com a aceitação recíproca da doutrina da justificação pela fé, ao qual se juntou a Aliança Mundial das Igrejas Reformadas.

Não foi também Lutero que iniciou este caminho ainda que o diálogo ecuménico fosse impossível no seu tempo?

3. Sola Gratia - "A salvação é alcançada apenas pela Graça de Deus em Jesus Cristo", esta era a afirmação que o reformador fazia sempre que estava em causa a questão da validade e da contribuição das obras e do esforço humano para garantir a vida eterna. "O ser humano nada pode fazer para obter o perdão de Deus; recebe-o com humildade, como uma espécie de amnistia divina, apenas da Sua graça e sem nada poder fazer para merecer a salvação". Lutero viveu existencialmente a questão da venda das indulgências, que era entendida como preço a pagar para alcançar a vida eterna ou como Johanes Tetzel (dominicano alemão, 1465-1519) dizia, "quando a moeda bater no fundo (da caixa das ofertas) a alma sai do purgatório".

Será que a mensagem da Sola Gratia não necessita de ser atualizada na Igreja dos nossos dias? Ou estamos substituindo-a pelas ações de caridade, pelas IPPS, pelo nosso comportamento ético e moral ou pela partilha dos nossos bens com os mais necessitados? Tudo isto é muito válido, mas será suficiente? Quantos não cristãos o fazem melhor que muitos cristãos!

Lutero continua hoje a perguntar-nos: onde está a tua Fé? Como sentes e vives a presença da Graça de Deus na tua vida e na vida e ação da Igreja? Não serão estas questões importantes para serem discutidas no diálogo ecuménico atual?

PS – quando falo de Lutero e de ecumenismo vem-me sempre à cabeça uma pergunta que dirigi ao Papa Francisco quando participou na cerimónia de abertura das celebrações do quinquagésimo aniversário da Reforma protestante. A pergunta era, e continua a ser esta: "O seu antecessor Leão X, com a bula *Decet Romanum Pontificem* de 1521, excomungou Martinho Lutero. Não seria uma participação ecuménica muito significativa que o atual Papa anulasse essa excomunhão?"

# PROCURA A ORIENTAÇÃO DE DEUS ! AGIR COM INTEGRIDADE !

Estela P. R. Lamas  
Igreja Metodista

**“Ninguém pode servir a dois senhores;  
porque, ou há de odiar um e amar o outro,  
ou se dedicará a um e desprezará o outro.  
Não podeis servir a Deus e a Mamom.”**

Mateus 6:24

A Carta Pastoral 2018 da Igreja Metodista do Brasil – Discípulas e Discípulos nos caminhos da Missão servem com integridade, sustentada na passagem em epígrafe, se bem que dirigida a quem vive em terras brasileiras, desafia-nos a todas e a todos, que nos assumimos como discípulas e discípulos de Cristo, a cumprimos com integridade as missões que nos vão sendo confiadas ao longo da nossa caminhada terrena. Recordando os tempos difíceis que vivemos, sejam eles de que natureza forem, reiteramos a afirmação que se pode ler na apresentação desta CP: “o tema da integridade se faz relevante para nós”.

É com base nos “princípios e valores” para os quais Jesus nos alerta e que o Colégio Episcopal tem abordado na sua acção educativa, “tanto no corpo pastoral quanto no corpo laico da Igreja”, que a CP nos incita a empenharmo-nos em “vivenciar um discipulado autêntico, bíblico e em santidade”, servindo a Deus e ao próximo. Os princípios e valores, nesta CP, são vistos como o que, vindo do nosso íntimo, da nossa relação com Deus, nos (co) move a uma aproximação real de Deus. Como podemos ler, declaramos: “a oração é um valor” ...

– Será que oramos? Procuramos estar abertas, abertos à voz de Deus? Com Ele conversamos? É nosso hábito orar ?

É na prática diária que nos nos assumimos como discípulas e discípulos. As nossas atitudes e comportamentos, a nossa maneira de nos relacionar com Deus e o com o próximo, isto é, a nossa prática no dia-a-dia é que nos reveste da integridade que nos permite responder aos desafios que nos são colocados, com fé. A fé é outro princípio proclamado por Jesus. Deixemos que Ele, o nosso Mestre nos guie e nos oriente!

Não podemos oscilar entre dois senhores; assim diz o versículo de onde parte a CP em análise. Procuremo-l’O! Escutemos a Sua Voz! Aceitemos os Seus desafios!

Repetimos, convictamente, as palavras fortes que lemos na CP: “Reconhecemos, diante de Deus, que a Igreja só poderá falar e agir com poder e autoridade quando seu interior for íntegro diante de Deus.”.

Questionemo-nos sobre o sentido desta afirmação: “Tanto o ministério quanto a mensagem perderam a

credibilidade perante um mundo atento, que parece estar a divertir-se com o Espetáculo”.

– Será? Conta mais o espectáculo do que o que sentimos no nosso interior?

– Conta mais o espectáculo do que aquilo que escutamos, quando nos recolhemos no silêncio e nos abrimos a Deus ?

Encontramos a resposta a estas perguntas nesta passagem de Wiersbe (1992, p.17) citada na CP:

“Dizer as palavras certas, ter as credenciais certas, pregar sermões de textos certos, ajudar pessoas com problemas, e até mesmo fazer milagres jamais pode tomar o lugar de fazer a vontade de Deus.”

– Procuremos, então, antes de mais, acima de tudo, fazer a vontade de Deus!

Atentemos, ainda, nesta passagem que surge, não só a propósito do que acontece nos nossos dias, mas também, como referido, na trajetória do rei Amazias ... “E fez o que era reto aos olhos do Senhor, porém não com inteireza de coração” (Crônicas, 25, v.2):

“Mas como Cristo é o Senhor da Igreja, também por meio de seu Espírito Santo ele levanta pessoas dispostas a trazer a Igreja de volta ao caminho da santidade interior e prática.”

Transcrevemos também, para reforçar o apelo à integridade, mais duas passagens da CP 2018:

“(…) o sermão “Discurso ao Clero”, no qual Wesley, falando aos pastores de sua época, também hoje nos questiona, tanto no corpo pastoral quanto no corpo laico da Igreja, acerca dos motivos que nos levam a servir. Discernir, arrepender-nos e redirecionar nossas motivações mais interiores quando se trata de servir a Deus e ao próximo, à próxima são prerrogativas inadiáveis para um povo que anseia vivenciar um discipulado autêntico, bíblico e em santidade.”

“O foco principal não é aquilo que falamos, mas a maneira como vivemos. Devemos ter uma natureza que convida outros a ver a bondade de Cristo e ser uma natureza que atraia e incite outros a descobrir o que significa ser perdoado e livre para viver com paixão e alegria (Hybels, 2015, p. 65-66).”

## Ref. bibliográficas

Carta Pastoral – Discípulas e Discípulos nos caminhos da Missão servem com integridade, disponível em <http://mkt.metodista.org.br/vl/96a8da16e9fbfdd42671a613b9b-4b51f8aaf7-c-e3ZeMMIOejcGe8d3293930c>

Hybels, Bill et al. Chamado para liderar. São Paulo: Planeta, 2015.

Wesley, John. “Discurso ao clero”. Tradução de Izilda Belo. Disponível em: <https://www.johnwesley-izildabella.com.br/discurso-ao-clero-1756>

Wiersbe, Warren. A crise de integridade. São Paulo: Vida, 1995.



# EIS QUE FAÇO NOVAS TODAS AS COISAS

XIX Fórum Ecuménico Jovem, em Braga

*Tony Neves  
Igreja Católica Romana*

Os 500 anos da Reforma proposta à Igreja por Martinho Lutero serviram de inspiração para o FEJ 2017, realizado em Braga, no Auditório Vita e no Seminário da Sra. da Conceição, a 4 de novembro. Participaram mais de 300 jovens (com alguns menos jovens à mistura!).

## Reforma, 500 anos depois

Tudo começou com o acolhimento e a Celebração Inicial na Capela renovada da Senhora da Conceição. Teve um momento penitencial (para pedir perdão pelas ruturas entre cristãos), a leitura do Apocalipse que deu tema ao FEJ (Ap 21, 1-7), a proclamação da parábola do semeador e o reconhecimento dos dons mais defendidos pela Reforma (Cristo, a Palavra, a Fé, a Graça, a Salvação, o Louvor).



## Ecumenismo hoje

O Auditório Vita acolheu o segundo momento do FEJ. D. Jorge Ortiga, como anfitrião, deu as boas vindas, lembrando a imperfeição que marca as nossas vidas, sendo urgente pô-las em sintonia com o Evangelho. Renovar é uma palavra chave da Igreja.

D. Jorge Pina Cabral recordou este longo caminho ecuménico jovem que leva 19 anos. Disse que relemos hoje a história da Igreja para percebermos o que somos chamados a fazer. Citou Martinho Lutero que propôs um caminho de retorno à Sagrada Escritura. Valorizou o papel dos leigos, na diversidade de dons e ministérios. Apresentou o FEJ como um lugar único e insubstituível no caminhar das Igrejas em Portugal.

Após um vídeo que mostrou Braga aos jovens, foi projetado um programa '70x7', da RTP2, que fez eco da ida do Papa Francisco à Suécia para se associar às comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante. Foi dito e repetido que é muito mais o que nos une que aquilo que nos separa, embora possa ser longo e difícil o caminho que leva à unidade plena entre as Igrejas.



O P. João Aguiar Campos, jornalista, moderou um painel neste fórum em que ele viu jovens capazes de ouvir o Espírito, refletir e rezar juntos.

Joana Teixeira, metodista, disse ser importante renovar sempre a relação com Deus para olhar o futuro com esperança.

O P. José Pedro partilhou a experiência ecuménica que se vive em Guimarães e que ele transformou em tese académica.

Eva Michel, pastora presbiteriana, recordou a importância dos abraços entre católicos e protestantes, após tanta guerra, dizendo que o futuro ecuménico exige 'boa terra, coração e coragem'.

João Duque, perito em ecumenismo, defendeu que é importante olhar para o caminho feito sem descuidar o que falta percorrer.

## Do almoço ao envio

O almoço foi partilhado, seguindo-se workshops que garantiram a Festa de Cristo com as aportações que cada grupo trouxe de regresso ao Auditório Vita:

música, teatro, pintura /graffiti, política /sociedade, oração.

O FEJ concluiu com o Gesto de Envio em que todos levaram um pequeno pinheiro para cuidar e fazer crescer, recordando também a urgência ecológica e o drama dos incêndios.

Na bagagem, os jovens levaram ainda duas grandes interpelações: uma feita pelo Papa na Suécia

e amplificada pela Pastora Eva Michel: 'vamos fazer a grande revolução da ternura?'; outra lançada pelo Padre João Aguiar Campos: "Vamos levar mais a sério a Semana da Unidade dos Cristãos?".

O próximo FEJ, a realizar em 2018, será a edição número 20.



# notícias

## Igreja Metodista

### COLOCAÇÕES PASTORAIS

No seguimento das decisões tomadas no Sínodo Extraordinário da Igreja Metodista referentes a colocações pastorais damos nota que as mesmas entraram em vigor a partir de 1 de setembro nas igrejas de Valdosende e Braga com novos Pastores. O Pastor Albert Canfield é agora o responsável pastoral de Valdosende e o Pastor Emanuel Dinis de Braga.



Todas as outras colocações se mantêm iguais exceto as da igreja do Monte Pedral que já entraram em vigor no decorrer no Verão, sendo o Bispo Sifredo Teixeira e o Pastor João Vilaça os responsáveis por esta comunidade local.



### TRANSFERÊNCIA DE MEMBROS PARA A IGREJA DE LORDELO

No domingo, 10 de setembro a igreja de Lordelo recebeu por transferência 3 novos membros, Isabel Fonseca, Miguel Fonseca e Ana Gomes. Estes irmãos que já faziam parte da Igreja Metodista integraram a partir daquele momento esta comunidade. Oramos para que Deus continue a abençoar as suas vidas.





## IGREJA DO MIRANTE RECEBE NOVOS MEMBROS

A 3 de dezembro, 1º domingo do Advento, a igreja do Mirante recebeu por Profissão de Fé 5 novos membros, Ana Regadas, Clara Lencastre, Lurdes Costa, Marta Faria e Paulo Branco. Ainda antes desse momento, uma das irmãs recebeu o sacramento do Batismo. Damos graças a Deus por estes irmãos que publicamente afirmaram a sua fé, e oramos para que Deus continue a abençoar e a guiar cada passo das suas vidas.



## ABERTURA DO INSTITUTO BÍBLICO TEOLÓGICO METODISTA

A 13 de janeiro aconteceu no edifício multiusos da igreja do Monte Pedral a sessão de abertura do Instituto Bíblico Teológico Metodista. Durante este ano decorrerá o Curso Básico de Formação Cristã que conta com um bom grupo de participantes. O grupo de professores que lecionará as diferentes unidades curriculares é composto por Pastores da Igreja Metodista e uma Pastora da Igreja Presbiteriana.



Este Instituto tem como objetivo proporcionar formação que permita ajudar os crentes a aprofundarem a sua relação com Deus e a poderem ficar preparados para se envolverem nos Ministérios da Igreja.

Damos graças a Deus pela abertura deste Instituto e oramos para que contribua para um maior conhecimento e aproximação a Deus.

## PARTIRAM PARA O SENHOR

### FALECIMENTO DA IRMÃ DARCI BUENO

Informamos que a 2 de janeiro de 2018 partiu para junto de Deus, a estimada irmã Darcy Bueno, esposa do Pastor Carlos Bueno.

O funeral que foi um culto de ação de graças pela vida e ministério da irmã Darcy aconteceu na quinta-feira, 4 de janeiro, na Igreja Metodista de Mourisca do Vouga, dirigido pelo Pr. Eduardo Conde e pela Pra. Ana Cristina Aço. Presente esteve também o Bispo Sifredo Teixeira, entre muitas outras pessoas.

Oramos dando graças a Deus pela vida e ministério desta irmã e pedindo para que a família seja confortada com a paz de Cristo.

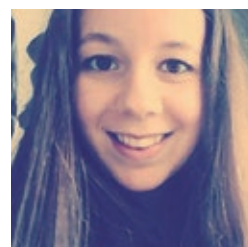


### FALECIMENTO DA IRMÃ ARLETE COSTA

Informamos que no dia 15 de janeiro de 2018 partiu para junto de Deus, a estimada jovem Arlete Costa da igreja de Valdosende. Esta jovem participava da vida desta igreja sendo também membro integrante da Direção do Grupo de Jovens local.

O funeral aconteceu na quarta-feira, 17 de janeiro, dirigido pelos Pastores Albert Canfield e Emanuel Dinis e pelo Bispo Sifredo Teixeira.

Oramos dando graças a Deus pela vida desta jovem e pedimos que a família e amigos sejam confortados e animados pelo Senhor.



### FALECIMENTO DO IRMÃO DIÁCONO AFONSO FELÍCIO

Informamos que no dia 2 de fevereiro de 2018 partiu para junto de Deus, o estimado irmão Afonso Felício da igreja metodista do Mirante. Ao longo da sua vida foi um servo dedicado e fiel do Senhor, tendo contribuído para o trabalho desenvolvido na igreja do Mirante e na Igreja Metodista Portuguesa.

O funeral aconteceu na segunda-feira, 5 de fevereiro, dirigido pelo Bispo Sifredo Teixeira e pelos Pastores João Vilaça, Eduardo Conde, Emanuel Dinis e Eduardo Meixieira.

Damos graças a Deus pela vida deste irmão e oramos para que a família e a comunidade do Mirante se sintam encorajados pela paz e o amor de Cristo.



# Igreja Presbiteriana

## CAMPO BÍBLICO DE INVERNO

De 26 a 30 de Dezembro realizou-se o Campo Bíblico de Inverno da Região Protestante do Centro com a presença de cerca de 35 crianças, adolescentes e jovens.



Sob o Tema: “Estás Conectad@?” Falámos de relacionamentos e conexões. Entre Estudos Bíblicos, tempo a sós com Deus, concursos bíblicos, jogos, sessões de cinema, muita música, tempos de conversa e um jantar de réveillon estilo anos 20 vivemos um tempo de alegria e comunhão que nos aproximou mais uns dos outros e do nosso Deus.

Damos graças a Deus pela Equipa da APEC-Portugal que partilha connosco esta missão entre crianças e jovens da região. Pedimos as vossas orações por este trabalho.

## SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE

De 18 a 25 de Janeiro realizaram-se 8 celebrações da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos na zona centro: Cadima, Alhadas, Figueira da Foz, Aveiro, Aguada de Cima, Coimbra, Arazede e Portomar. Ao longo das noites celebrámos com mais de 800 pessoas partilhando a nossa fé comum no nosso Senhor Jesus Cristo. Sublinhando o que nos une, orámos e celebrámos a nossa fé neste Deus que é poderoso para nos salvar.



Em seis, das oito celebrações, oferecemos sementes de girassol a todos os presentes como símbolo da nossa necessidade de sempre nos

voltarmos para a luz de Deus. Para pormos em prática a nossa vontade de sermos igreja, durante as celebrações angariámos fundos para ajudar as famílias da zona que tendo perdido os seus animais e oliveiras nos incêndios não receberam, nem irão receber qualquer ajuda do Estado. Durante estas noites angariámos 1.380,00€ que serão entregues à Cáritas Diocesana de Coimbra.



## CANTAR AS JANEIRAS

No domingo dia 28 de Janeiro a Igreja de Portomar saiu à rua para cantar as janeiras. Toda a Igreja vai cantando de porta em porta desejando um bom ano e invocando a bênção de Deus sobre cada lar da aldeia.



## MÃOS À BÍBLIA

De 3 a 7 de Abril irá acontecer o Campo Bíblico: MÃOS À BÍBLIA, no Centro Social da Cova Gala. Dos 7 aos 16 anos todos são bem-vindos. Vamos estudar os livros do Antigo Testamento. Inscreve-te já. Todos são bem-vindos.

